

PE. SOTER SCHILLER, OSBM



SÃO BASÍLIO MAGNO

Patriarca das comunidades consagradas



FASBAMPRESS

SÃO BASÍLIO MAGNO

Patriarca das comunidades consagradas

**Faculdade São Basílio Magno**

R. Carmelo Rangel, 1200
Curitiba/PR 80.440-050

Fone: (41) 3243-9800

www.fasbam.edu.br

comunicacao@fasbam.edu.br

Conselho Editorial

Dr. Irineu Letenski (Presidente)

Dr. Teodoro Hanicz

Dr. Rogério Miranda de Almeida

Editor-chefe

Dr. Irineu Letenski

Projeto gráfico, diagramação e capa

Marco Antônio Pensak

Bibliotecária

Sirlene Maria Marcinek Mazur

CRB PR 001937/O

Preparação e revisão

Dr. Edilson da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Faculdade São Basílio Magno (FASBAM)

S433s Schiller, Soter

São Basílio Magno: patriarca das comunidades consagradas
/ Soter Schiller – Curitiba: FASBAMPRESS, 2021.

42 p. ; 14x21 cm.

ISBN Digital: 978-65-993041-5-6

1. São Basílio. 2. São Basílio - Biografia. 3. Padres - Igreja oriental.
I. Título.

CDD 922.22

PE. SOTER SCHILLER, OSBM

SÃO BASÍLIO MAGNO

Patriarca das comunidades consagradas



FASBAMPRESS

SUMÁRIO

SÃO BASÍLIO MAGNO: uma vida, uma doutrina, uma ação.....	7
Espaço – o lugar onde São Basílio viveu.....	8
Tempo – quando São Basílio viveu	9
A sua família	10
Os estudos	11
O caminho ascético.....	12
A vida para a Igreja	14
As obras – o que São Basílio escreveu	18
São Basílio - pai do monasticismo.....	25
Os pilares da vida monástica segundo São Basílio	30
A obra social de São Basílio	38

SÃO BASÍLIO MAGNO

uma vida, uma doutrina, uma ação

A Igreja de Cristo caminha no tempo e na história, levando a mensagem de salvação de Nosso Senhor a todos os homens e a todas as nações. Um tempo de muita importância na história da Igreja é a época dos santos Padres. É a chamada “era patrística”, que vem logo depois da “era apostólica”, do tempo de vida e de atuação dos apóstolos. Chamamos de “Padres da Igreja” os grandes homens, na maioria bispos, de grande envergadura espiritual e intelectual, indivíduos de profunda sabedoria, que com o seu ensinamento contribuíram para o desenvolvimento da doutrina cristã e para o desenvolvimento da própria estrutura eclesial.

A fé cristã que a Igreja proclama e anuncia está fundamentalmente no Evangelho de Jesus Cristo. No entanto, no decorrer do tempo, a Igreja desenvolveu todo esse patrimônio que recebeu de Jesus Cristo por meio dos apóstolos, explicou e definiu a doutrina da fé, adaptando-a a todos os tempos. Assim, a Igreja desenvolveu e definiu os dogmas da fé, a doutrina dos sacramentos, a doutrina moral, o culto, e tantas coisas mais que a vida cristã abrange. Em grande parte, isso aconteceu

justamente na era dos santos Padres: por meio deles, da sua pregação e de seus escritos, em conjunto com os Concílios Ecumênicos, a Igreja constituiu seu patrimônio doutrinal e espiritual.

A era patrística se estende no tempo que vai do século II até o século VII aproximadamente. Temos Padres da Igreja latinos, como santo Agostinho, santo Ambrósio, Tertuliano, e Padres orientais como São Gregório de Nazianzo, São Gregório de Nissa, Santo Atanásio de Alexandria e o nosso São Basílio. São Basílio é um dos mais eminentes Padres do Oriente cristão. Não é sem razão que a tradição o cognominou de “Magno”, isto é, “grande”: foi grande em sua atuação, seus feitos e grande em sua doutrina. Procuremos primeiro compreender a pessoa de São Basílio Magno, inserindo-o no espaço e no tempo.

Espaço – o lugar onde São Basílio viveu

São Basílio viveu e atuou num território que na antiguidade chamava-se Ásia Menor, espaço de atuação de São Paulo apóstolo, locais e cidades nas quais ele fundou comunidades cristãs, como Galácia, Laodiceia, Éfeso e outras. Hoje, nesse território situa-se a Turquia. São Basílio evidentemente não era turco: os turcos chegaram ali muito mais tarde, no final da Idade Média. São Basílio era grego,

falava grego: toda a região da Ásia Menor era povoada por populações gregas. Mais precisamente, o território onde Basílio viveu e atuou como bispo chamava-se Capadócia, que fazia parte do Império Romano do Oriente, que ficou conhecido como Império Bizantino. Capadócia, junto com Ponto, constituía uma província do Império Bizantino. O Império Bizantino, com a sua capital Constantinopla, era cristão praticamente desde o início e foi cristão durante toda a sua história. Do Império Bizantino a fé cristã difundiu-se principalmente para os povos eslavos, entre eles a Ucrânia.

Tempo – quando São Basílio viveu

São Basílio viveu no século IV. Com a fundação de Constantinopla (ano 330), a cidade sede, o Império Bizantino começa rapidamente a se robustecer. O imperador Constantino já tinha concedido a liberdade ao cristianismo (Edito de Milão, 313) e já na primeira metade do século IV, o cristianismo tinha se difundido por todo o seu território. Os próprios imperadores, na sua maioria, tinham aderido à fé cristã.

Conhecida a liberdade, a Igreja começa a definir o patrimônio da fé e a montar a sua estrutura institucional. Muitos concílios regionais e um concílio ecumênico (Concílio de Niceia, 325) já tinham sido realizados

e muita coisa referente ao patrimônio da fé e à estrutura eclesiástica tinha sido estabelecida. Apesar disso, no século IV, a Igreja foi fortemente abalada por discussões sobre alguns pontos da fé, isto é, controvérsias doutrinárias, por divisões internas e pelo surgimento de heresias, doutrinas errôneas sobre Cristo, a Santíssima Trindade, sendo a principal delas, o arianismo, que negava a divindade de Cristo. São Basílio entra por inteiro no turbilhão do combate às heresias.

A sua família

A família de São Basílio era de Cesareia, cidade mais importante da província da Capadócia e Ponto, e pertencia à aristocracia da região. Segundo consta, a família possuía vastas extensões de terras na Capadócia e no Ponto, região ao sul do Mar Negro. Com certeza, já era uma família cristã desde, pelo menos, uma geração. Supõe-se que o avô paterno de Basílio morreu como mártir durante as perseguições romanas. São conhecidos os nomes de alguns de seus familiares: o pai Basílio, a mãe Emélia, que tiveram dez filhos, dos quais sabemos os nomes só de cinco – Macrina, Naucrácio, Gregório, Pedro e ele, Basílio. Dois dos irmãos tornaram-se também bispos: Gregório da cidade de Nissa, e Pedro de Sebaste. De sua infância quase nada sabemos, a não

ser a grande influência de sua piedosa avó Macrina na sua formação cristã.

Os estudos

Como vimos, a família de Basílio tinha muitas posses e, naquele tempo, no ambiente greco-romano, os filhos da aristocracia recebiam educação esmerada. Basílio foi primeiro mandado estudar na capital Constantinopla, onde teve como mestre Libânio, um “retor” e filósofo ainda pagão. Posteriormente, a família o mandou para Atenas, ainda o grande centro cultural grego, onde passou aproximadamente quatro anos. Em Atenas, Basílio teve a companhia de Gregório de Nazianzo, com quem travou uma sólida amizade, que durou até o final da vida.

A formação de Basílio foi a de “retor”, que na época era constituído de estudos globais, diríamos “universitários”, que incluía toda a ciência da época: filosofia, linguagem, literatura, oratória, direito, história e até mesmo medicina. Esses estudos habilitavam para a carreira política, advocacia, administração de cidades e atividades afins. Com certeza era para isso que a família o preparava. Mas Basílio seguiu outro caminho.

O caminho ascético

Retornando de Atenas, Basílio começa a ensinar retórica em Cesareia. Mas isso durou pouco tempo. Ocorre lentamente uma mudança em sua vida. Ele já manifestava uma certa decepção com seus estudos: diz até que “perdeu tempo” com eles. Conheceu, então, Eustácio de Sebaste, um asceta radical e carismático, seguidor de Ário, e que depois tornou-se bispo de Sebaste na Armênia. Eustácio liderou um movimento de monges ascetas que se espalhou pela Capadócia e por toda a Ásia Menor. Eustácio e seu movimento “eustaciano” causou uma grande impressão em Basílio por sua espiritualidade, desprendimento, e pelo rigor do seu ascetismo.

Em decorrência do contato com Eustácio e seus seguidores, vem ocorrer uma “iluminação” na alma de Basílio, que faz com que ele “desperte de um sono profundo” – como ele mesmo diz – o faz entrar numa nova fase de sua vida. Ele “se arrepende” de ter perdido grande parte de sua vida em “futilidades”, e abriu os olhos para ver a nulidade da sabedoria desde mundo. Isso o impeliu a tomar uma decisão: abandonar a carreira mundana de “retor” e enveredar pelo caminho da vida ascética. Diga-se “ascética” e não propriamente “monástica”, porque, nos inícios, o ascetismo, a forma de vida daqueles que queriam seguir a Cristo mais de perto, não era ainda organizada em regras e

instituições, isto é, não formavam uma comunidade monástica propriamente dita. A única regra era o Evangelho, filtrado pelos ensinamentos de um guia espiritual, um mestre (como era Eustácio, no caso).

Tomada a decisão, Basílio recebe o batismo em 356. O batismo tardio, na idade adulta, era ainda uma prática comum naquela época. Mas o batismo tem muito a ver com a decisão que ele tomou. Segundo a sua teologia, o batismo implica uma exigência radical de revestimento em Cristo, da qual decorre uma vida moral correspondente. A vida monástica, de acordo com o pensamento de São Basílio, é na sua essência uma vivência radical do batismo. E justamente a caminhada ascética de Basílio começa com o batismo.

Após o seu batismo, Basílio empreende uma longa viagem para o Egito, Síria, Palestina e Mesopotâmia, com o intuito de conhecer mais a fundo o movimento ascético-monástico, nos lugares onde era mais difundido ainda do que na Ásia Menor. Uma grande oportunidade para tomar inspirações para a vida que pretendia levar.

De volta da viagem, Basílio começa a organizar uma nova vida em Annesi, às margens do rio Iris (hoje chama-se rio Yesilimark, na Turquia) a uma razoável distância de Cesareia. Era uma planície erma, isolada, por onde – como ele mesmo diz – poucos viajantes passavam, a não ser alguns caçadores. Um lugar para desfrutar a paz em contato com a

natureza, que o tornava quase um “canal direto” a Deus. Seguindo a recomendação do Evangelho, Basílio vende algumas de suas posses, distribui aos pobres, e segue, junto com sua mãe viúva Emélia, seu irmão Pedro, sua irmã Macrina e mais alguns amigos, para Annesi a fim de iniciar uma nova forma de vida, de vivência radical do Evangelho, de oração e obras de caridade. No início, a comunidade ascética de Basílio era um empreendimento meio “familiar”, mas que com o tempo tomou corpo e se tornou um amplo movimento monástico.

A vida para a Igreja

Talvez mais do que um apreço pela vida ascética, Basílio tinha um profundo apego e amor pela Igreja de Cristo. O retiro de Annesi não representou um isolamento total para Basílio e uma atitude de indiferença para o que acontecia na Igreja. Principalmente porque, culto como era, se dá conta da deplorável situação da Igreja no Oriente, dilacerada pelas divisões internas, ocasionadas pelas diferenças doutrinárias. Diz ele numa carta a Atanásio de Alexandria: “Toda a Igreja se dissolve, como numerosos navios em alto-mar vagando a esmo, batem-se uns contra os outros sob a violência das ondas. É um grande naufrágio cujo responsável é o mar em fúria e também a desordem dos navios, indo uns contra os outros, despedaçando-se mutuamente.

Onde encontrar um piloto à altura da situação, que seja assaz digno de fé para despertar o Senhor, a fim de que Ele ordene aos ventos e ao mar?”. Em outra parte diz que a Igreja era “a túnica de Cristo em frangalhos”.

No ano de 360, Basílio, atendendo ao convite de seu bispo, Diano de Cesareia, toma parte no Concílio de Constantinopla, que tratou das graves questões de fé que abalavam a Igreja, ainda no fervor da luta ariana. Tratava-se de um Concílio regional da Igreja do Oriente (o próximo Concílio ecumênico seria o de Constantinopla I, em 381), convocado para fazer frente às novas versões heréticas. Passados 35 anos após o Concílio de Niceia, as coisas não tinham se acalmado na Igreja do Oriente: surgiram novas doutrinas, novas formulações dogmáticas sobre a pessoa de Cristo e sobre a Santíssima Trindade, que se desviavam das definições de Niceia.

Aqui tem início a luta de Basílio em defesa da Igreja, da integridade da reta fé, da “ortodoxia”, como se diz. Junto com seu bispo Diano, Basílio participa ativamente do Concílio, toma posição firme e decidida em defesa das definições do Concílio de Niceia contra toda doutrina ariana ou semi-ariana, declarando a natureza divina de Cristo, sua igualdade de natureza com o Pai. Com a influência decisiva de Basílio, o Concílio promulgou uma confissão de fé, um “Credo” que foi posteriormente reformulado no Concílio de Constantinopla (381),

dando origem ao “Símbolo Niceno-Constantinopolitano”, o “Credo” que professamos nas nossas liturgias.

A partir desse Concílio, Basílio decide dedicar-se integralmente ao serviço da Igreja, à defesa da fé. A dedicação à Igreja o faz afastar-se em parte de sua opção inicial, isto é, da vida ascética no isolamento em Annesi. Mas a obra dele, no tocante à vida monástica, tem continuidade. Mesmo depois como bispo, Basílio mantém ligação permanente e contínua com as suas comunidades.

No ano de 365 Basílio é ordenado presbítero pelo novo bispo de Cesareia, Eusébio. Após a morte deste, em 370, Basílio é eleito seu sucessor no bispado de Cesareia, que naquele tempo já era uma arquieparquia, com muitos bispos dependentes, ditos “sufragâneos”. Convém lembrar que naquele tempo, não existiam ainda as estruturas de “paróquias”: cada comunidade cristã era regida por um bispo, auxiliado por certo número de presbíteros e diáconos.

Como bispo, Basílio entrega-se de corpo e alma à defesa da fé. São Basílio e santo Atanásio de Alexandria são os dois gigantes da época na defesa da reta fé no Oriente. Basílio age intensamente e com destemor: prega, escreve, viaja por todo o império, não receia até em intrometer-se em outras dioceses – sempre em vista do bem da Igreja. Num certo momento, na sua luta pela fé, viaja para bem longe: até à distante Armênia e depois a Antioquia, em cuja Igreja havia uma grande divisão

por causa da heresia ariana. Com todos esses objetivos pastorais, Basílio até promoveu a bispos dois de seus irmãos: Gregório para Nissa e Pedro para Sebaste. Tirando proveito de seus dotes oratórios, promove debates com teólogos arianos e com outros bispos. Escreve ao Papa Dâmaso (carta 70 e 90) pedindo ajuda para remediar a situação difícil em que se encontrava a Igreja do Oriente, e depois se queixa da resposta fria que recebeu do Ocidente.

A luta pela fé implicou também conflitos políticos. Os imperadores e outras autoridades eram ora a favor da reta fé, ora a favor dos arianos. Basílio teve de enfrentar ameaças por parte das autoridades pró-arianas, principalmente do imperador Valente. No auge da luta, Valente envia a Cesareia o governador Modesto na tentativa de dobrar Basílio em favor do arianismo – tudo em vão. Depois divide o território da Capadócia em duas partes no intuito de enfraquecer a influência de Basílio, igualmente sem resultado. Enfim, o próprio imperador Valente desloca-se até Cesareia, com o propósito de convencer Basílio a mudar de lado. Valente teve de deter-se perante a forte personalidade de Basílio. Estando presente na Liturgia no dia da Epifania, Valente ficou muito impressionado com a homilia que Basílio proferiu, “batendo de frente” com o imperador. O imperador cedeu de vez quando tomou conhecimento das obras sociais de Basílio e, enfim, desistiu de enfrentá-lo. Tanto que depois parece que doou terras para a fundação social de Basílio.

No seu combate, Basílio teve de enfrentar um outro empecilho: a sua frágil saúde, do que ele se queixa em algumas de suas cartas. Ele morre em 379, com 50 anos incompletos, sem ter visto a paz na sua Igreja do Oriente. As grandes confusões continuaram: a luta ariana, depois o nestorianismo, a iconoclastia, enfim o Grande Cisma (1054), que separou em definitivo as Igrejas orientais da comunhão com Roma.

As obras – o que São Basílio escreveu

Como pessoa de elevado nível intelectual, versado tanto na ciência profana, como o fato de ter bebido em profusão da sabedoria divina diretamente da Sagrada Escritura, urgiu São Basílio a comunicar a ciência sagrada à Igreja e ao mundo sob a forma escrita. As obras de São Basílio são um grande tesouro que ele legou à Igreja não só oriental, mas à Igreja toda.

São Basílio escreveu muito e tudo o que ele escreveu constitui uma fonte preciosa de doutrina e de espiritualidade à disposição da Igreja de todos os tempos.

As obras de São Basílio podem ser assim divididas:

1. Obras dogmáticas: que tratam sobre questões teológicas ou sobre a doutrina da fé da Igreja. Apresentam-se como elaborações doutrinárias sobre a Santíssima Trindade, sobre a pessoa de Jesus Cristo (cristologia), sobre o Espírito Santo (pneumatologia) e sobre a Igreja (eclesiologia).

São duas grandes obras dogmáticas de São Basílio:

“CONTRA EUNÔMIO”: caracteriza-se como uma obra de defesa da fé contra a heresia do arianismo. É uma das primeiras obras de Basílio, que ele escreveu ainda como presbítero. Eunômio de Cízico era o principal representante de um arianismo radical, que negava diretamente a natureza divina de Cristo, até mesmo a semelhança de Jesus com o Pai.

Basílio faz aqui uma vigorosa defesa da doutrina do Concílio de Niceia, afirmando a igualdade de natureza entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Combate também o “sabelianismo”, outra heresia da época, que afirmava que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são “modos”, “aspectos” ou “faces” do mesmo Deus, e não pessoas distintas. É a obra mais profunda de São Basílio no que tange à especulação teológica.

“SOBRE O ESPÍRITO SANTO”: É um escrito dedicado a Anfilóquio, bispo de Icônio, com quem Basílio tinha sólida amizade. Percebe-se aqui também muita influência de Orígenes. É possível que essa obra tenha sido escrita em oposição a Eustácio, que sustentava uma doutrina

errônea sobre o Espírito Santo, praticamente negando a sua natureza divina. Nesse tratado, Basílio defende a divindade do Espírito Santo, sua igualdade de natureza, ou “consustancialidade”, com o Pai e o Filho, contra teses arianas e de outras heresias que negavam a existência do Espírito Santo como pessoa da Santíssima Trindade.

Além de desenvolver uma profunda teologia dogmática sobre o Espírito Santo, Basílio também desenvolve uma densa espiritualidade: o Espírito Santo é dado no batismo a todo o cristão. Ele produz a restauração e a purificação da imagem de Deus no homem e proporciona o retorno da alma à sua pureza e beleza original.

2. Homilias-sermões. A formação de São Basílio era a de “retor”, ou seja, orador: deixou-nos por escrito várias homilias. Ele usa de modo muito afinado o instrumento da palavra e da linguagem. Percebe-se nas suas homilias tanto a coerência, a lógica do discurso, a profundidade da argumentação para convencer o ouvinte ou o leitor, como a elegância de estilo para produzir enlevo espiritual na alma de quem escuta. Basílio, enfim, faz da retórica um magnífico instrumento para a divulgação da fé. É provável que a maioria dessas homilias não foram proferidas na igreja, mas somente escritas com o objetivo de serem lidas como doutrinas e ensinamentos sobre a fé.

São muitas as homilias de São Basílio, sobre variados temas. As mais famosas são as seguintes:

“HEXÁMERON”: palavra grega que significa “seis dias”. Trata-se de um conjunto de nove homilias sobre os seis dias da criação, de acordo com a Bíblia. Basílio desenvolve nessas homilias toda uma teologia da criação; usa também conceitos filosóficos com o intuito de formar uma visão cristã da natureza e do mundo. Entre outras coisas, Basílio pretende confutar a visão da filosofia grega que via o mundo como eterno. Basílio contesta: o mundo, o universo, é obra de Deus criador. Além disso, a obra tem também propósitos espirituais: proclamar a louvar a grandeza e a beleza da criação, espelho de Deus.

Nesse conjunto de homilias de Basílio, falta uma: sobre a criação do homem. Explica-se: a última parte do “Hexámeron” foi escrita provavelmente em 378, um ano antes da morte de Basílio. Talvez, então, ele não teve tempo de escrever a homilia sobre a criação do homem.

“SOBRE OS SALMOS”: é um conjunto de 15 homilias sobre diversos salmos. Para Basílio, o livro dos Salmos é o mais importante do Antigo Testamento. Os salmos servem tanto para ensinar, porque neles estão contidos profundos ensinamentos de caráter moral, como eles são formas de oração, na sua diversidade: louvor e glória a Deus, orações penitenciais, de contemplação das obras de Deus... O canto dos salmos constituiu o embrião da oração oficial da Igreja, o Ofício Divino.

Há ainda outras 23 homilias sobre diversos temas particulares: panegíricos-louvores a mártires, sobre a penitência, contra a avareza, a usura...

3. Obras ascéticas. Fazem parte dessa categoria as seguintes obras: **"SOBRE O JUÍZO"**, **"SOBRE A FÉ"**, **"SOBRE O BATISMO"**, **"ÉTICA"** (ou "Regras Morais"), **"GRANDE ASKETIKON"** (ou "Regras Extensas"), **"PEQUENO ASKETIKON"** (ou "Regras Breves"). Todas essas obras têm o caráter de ensinamentos espirituais e ensinamentos sobre a vida moral de um cristão.

Merecem especial menção as duas últimas, o "Grande" e o "Pequeno Asketikon". São escritos em forma de perguntas e respostas sobre as mais diversas situações para aqueles que querem seguir a Cristo de forma exclusiva. Essas duas obras tornaram-se um manual fundamental para o movimento monástico, de caráter comunitário, que vigora no Oriente, com grandes influências também no Ocidente. Não são "regras monásticas" no sentido próprio, como geralmente se supõe: são antes orientações espirituais, que São Basílio tira diretamente da Sagrada Escritura para aqueles buscam uma vida de autêntica perfeição cristã.

Por mérito dessas obras, São Basílio é considerado o pai do monasticismo comunitário oriental (e não só oriental).

4. Obra pedagógica. “DISCURSO AOS JOVENS”: É um pequeno escrito, no qual Basílio trata da relação entre a literatura profana pagã e a formação cristã: como os jovens cristãos, fazendo uma boa seleção, podem tirar bom proveito da leitura dos clássicos greco-romanos, filósofos, poetas e outros escritores. Em tudo isso, Basílio pretende explicar que certas obras de autores pagãos são boas e podem ajudar na formação moral dos jovens cristãos.

É bem provável que Basílio tenha fundado na sua diocese uma escola cristã, até um certo internato, conforme ele menciona alguma coisa no “Grande Asketikon”. Esse “Discurso” seria, então, escrito para esses jovens, oferecendo-lhes valiosos conselhos, valendo-se de sua larga experiência.

5. Epistolário – cartas. São mais de 350 cartas de São Basílio que se preservaram, com uma diversidade de conteúdos: teologia, espiritualidade, requerimentos a autoridades, aconselhamentos a indivíduos, cartas de relação de amizade, etc.

As cartas de São Basílio são fontes preciosas para o conhecimento da situação histórica da Igreja do Oriente no século IV, sobre a organização das dioceses, sobre a disciplina eclesiástica daquele tempo. Igualmente são fontes para a biografia de São Basílio, para o conhecimento de sua personalidade, seu pensamento, sua atuação: muitas vezes ele fala de si mesmo, sobre os seus problemas, sobre sua

saúde... Outras cartas são sobre temas morais ou teológicos, constituindo-se em pequenos tratados sobre certos assuntos na área religiosa.

Outras cartas refletem as suas relações pessoais, a outros bispos, a outras pessoas às quais ele orienta, adverte, consola, ou trata-se de simples amizade. A maioria das cartas são verdadeiras cartas, dirigidas a destinatários identificados, outras são dirigidas para fiéis em geral, tipo cartas pastorais.

O epistolário de São Basílio é uma amostra da extraordinária envergadura de Basílio como pastor da Igreja.

6. Liturgia. Como temos conhecimento, nós celebramos em alguns dias do ano uma Missa que leva o nome de “Divina Liturgia de São Basílio Magno”. Essa Liturgia tem a parte eucarística (chamada “Anáfora”) um pouco mais longa que a Liturgia de São João Crisóstomo, que é celebrada praticamente todos os dias do ano.

É duvidoso que São Basílio seja de fato o autor dessa Liturgia. É mais provável que as liturgias eucarísticas, tanto a Divina Liturgia de São João Crisóstomo como a de São Basílio, tenham sido importadas de Antioquia da Síria, e adaptadas para a Igreja bizantina.

Outro fato: são atribuídas a São Basílio duas Divinas Liturgias bem diferentes entre si. Uma é a nossa, do rito bizantino, e outra do rito

copta, usada no Egito e na Etiópia. As duas levam o mesmo nome: “Divina Liturgia de São Basílio Magno”.

É claro que o fato de ser duvidosa a autoria de São Basílio da Liturgia que leva o seu nome, em nada diminui o valor da Liturgia. A Liturgia pertence à Igreja; é a Igreja como tal que ora e celebra.

São Basílio - pai do monasticismo

São Basílio é o personagem de primeira linha na história da vida consagrada, vida monástica, tal como São Bento, São Francisco, Santo Inácio de Loyola e outros; aliás é considerado o mestre de todos eles. Por seus ensinamentos e pela sua atuação, tem a envergadura de um gênio. Um gênio nem sempre cria do nada. Na maioria das vezes produz novidades a partir do que já existe. São Basílio não é o criador da vida monástica, nem da eremítica, isto é, solitária, nem da cenobítica, isto é, comunitária. Ambas as formas já existiam antes dele. No entanto, ele é reconhecido e exaltado como o grande mestre, o mestre por excelência da vida monástica, admirado e seguido no Oriente e no Ocidente. Isto porque ele conferiu uma nova forma ao que já existia, uma nova síntese, colocando-lhe fundamentos mais sólidos.

O monasticismo já existia, pois, antes de Basílio: era um modo de vida cristão, fundamentado no Evangelho de Jesus Cristo, sim, mas continha também elementos originados de movimentos filosóficos (neoplatonismo, estoicismo, desprezo do corpo, busca de êxtases esotéricas, luta com o demônio...) que às vezes terminavam em radicalismos de feição nada cristã. Podemos dizer que Basílio com a sua sabedoria purifica o movimento monástico. Ele insere a vida monástica na própria essência da vida cristã. Para ele, a vida monástica não é outra coisa que vida cristã em profundidade, ser “cristão” no sentido mais autêntico (simplesmente “cristão” é o primeiro nome que ele deu aos seus ascetas...), vivência em profundidade do batismo, caridade total, vivência radical do Evangelho.

São Basílio teve o primeiro contato com o movimento monástico através de Eustácio de Sebaste e de seus seguidores que se espalharam por toda a Ásia Menor. De início, Basílio admirou sua forma de vida, seu rigorismo nas observâncias, mas aos poucos foi deles se afastando, principalmente porque Eustácio aderiu ao arianismo e o seu movimento se colocava à margem da Igreja.

Pensando seriamente em iniciar um novo tipo de vida, ou mesmo criar um movimento, Basílio empreendeu uma longa viagem até ao Egito, à Síria, à Palestina e à Mesopotâmia (atual Iraque), a fim de colher inspirações, porque nesses lugares já existia vida monástica desde

algum tempo. Não ficou, porém, muito entusiasmado com o que viu naquela viagem. Basílio, enfim, imprimiu uma visão pessoal à vida consagrada.

Coloquemos, então, a pergunta fundamental: São Basílio fundou comunidades monásticas? Ele quis fundar esse tipo de comunidades? Em que consiste propriamente o monasticismo brasileiro, a forma de vida consagrada segundo São Basílio?

A resposta à primeira pergunta se apresenta como “sim”. A história confirma isso. Há uma longa tradição de vida monástica, ou de vida consagrada, no Oriente (e até fora do Oriente), mosteiros e comunidades que seguiram o caminho indicado por Basílio. Mas devemos entender bem as coisas. São Basílio não fundou uma Ordem ou uma Congregação no sentido atual, instituição que tivesse um estatuto canônico. Até porque não se pensava nisso no século IV. O monaquismo, seja eremítico seja cenobítico, não tinha ainda uma organização estatutária, não seguia um código de regras ou uma “constituição” como hoje. Os ascetas ou monges seguiam a orientação direta de um mestre ou guia espiritual e não propriamente um estatuto.

As comunidades de Basílio podem ser antes chamadas de “fraternidades” ou comunidades de irmãos, para os quais o principal

não era obedecer a regras e sim viver radicalmente o Evangelho sob a guia de Basílio.

Houve uma certa evolução na formação das “fraternidades” de Basílio. No início, os seguidores de São Basílio eram apenas um grupo junto à catedral de Cesareia. Como tais, eles não se distinguem em nada dos demais cristãos. Junto com os outros, eles ouvem na igreja a pregação de seu pastor, rezam com ele e com ele celebram a liturgia. Mas, depois que os outros cristãos vão para o repouso noturno – como ele mesmo relata – os discípulos permanecem na igreja para ouvir ensinamentos, conselhos e explicações mais aprofundadas sobre a vida cristã, os deveres dos cristãos, explicações sobre a Sagrada Escritura, sobre a prática das virtudes cristãs e tais. Mesmo vivendo em comunidade, eles não têm ainda nenhum estatuto ou regulamento, a não ser a orientação pessoal de Basílio, que não se apresenta como um “superior”, e sim como episcopos, isto é, um “supervisor” ou “orientador”. Ele mesmo diz que faz a função de “olho” na sua comunidade.

Já num segundo estágio na evolução das comunidades começa a aparecer uma distinção mais clara entre os que seguem a vida ascética e os demais cristãos. Existe já uma certa separação. Os ascetas de Basílio tornam-se, por assim dizer, profissionais de vida de acordo com o Evangelho. Mas tome-se isso com muito cuidado: nunca a

comunidade basiliiana está em oposição ou superioridade aos demais cristãos. Jamais os ascetas são considerados como cristãos mais perfeitos ou de uma classe superior, nem constituíam eles grupos esotéricos, fechados – como havia muitos desses grupos naquele tempo. Não tinham nenhum privilégio ou práticas secretas. Tratava-se sempre da prática dos mandamentos ou preceitos do Evangelho, dos ensinamentos de Cristo, e tudo o resto está em relação com isso.

Nesse segundo estágio, Basílio já vai dotando suas comunidades de um certo grau de organização e vai definindo mais claramente sua forma de vida, às vezes descendo até a detalhes. As comunidades já têm um superior, chamado proestós (quer dizer, “preposto”, “superior”, “guia”), que deve ser obedecido na medida em que todos, inclusive ele mesmo, devem obedecer a Deus, à Palavra de Deus e à Igreja. O proestós é o intérprete da vontade de Deus, principalmente para os irmãos mais fracos. Sua personalidade é paternal: ele é sobretudo um pai e guia espiritual, que ensina, orienta e corrige. Aparece aqui também a figura do ecônomo, o responsável pelas coisas materiais da comunidade. Basílio regulamenta também a relação entre a oração e o trabalho, entre a oração e as obras de caridade e outras coisas da comunidade. Seu lema: “que tudo seja feito em ordem e decoro”.

Regulamentado até um certo ponto, mas principalmente fundamentado na vivência espiritual, o monarquismo brasileiro se

expandiu rapidamente por todo o Oriente e, aos poucos, essa influência avançou também para o Ocidente. São Bento, por exemplo, inspirou-se muito em São Basílio para formular as Regras da Ordem Beneditina. É bom lembrar que até os tempos modernos, a forma de vida basiliana foi exclusivamente monacal, isto é, os mosteiros eram autônomos, isolados, que seguiam a espiritualidade basiliana, as ditas “regras” de São Basílio, mas não formavam uma confederação, isto é uma Ordem ou Congregação. Isso veio a acontecer só a partir do século XVII. No século XVII, por obra de São Josafat e José Veliamyn Rutskey vem à luz a ORDEM DE SÃO BASÍLIO MAGNO, esta, sim, assumindo a forma confederada de vida consagrada que segue os princípios e a espiritualidade basiliana.

Os pilares da vida monástica segundo São Basílio

A doutrina de São Basílio sobre a vida segundo o Evangelho é extraordinariamente rica e de vastas influências. Trata-se de um tesouro, de um grande patrimônio espiritual da Igreja. Entre outras coisas destaquemos alguns pontos que podem ser considerados como pilares fundamentais da doutrina ascética ou monástica de São Basílio.

1. A primazia da Palavra de Deus. A Palavra de Deus é, para São Basílio, a fonte originária de toda a ascese e da vida espiritual; além disso, é fonte de orientação até para os aspectos práticos da vida comunitária. Com isso, a primazia da Sagrada Escritura é absoluta em São Basílio. Coloca ele antes de tudo: “Meu dever é transmitir-vos o que eu aprendi das Escrituras divinamente inspiradas para o bem comum. Devo ater-me à Sagrada Escritura em tudo, porque o próprio Nosso Senhor diz: ‘O Pai que me enviou, ele é quem me ordenou o que eu devia dizer e falar’ (Jo 12, 49). E como o próprio Espírito Santo não fala por si mesmo, mas somente aquilo que ouviu do Pai (Jo 16,13), então quanto mais isso deve ser regra do nosso proceder, para podermos viver na piedade, pensar e agir em nome de Nosso Senhor, Jesus Cristo” (*Sobre a Fé*).

Em coerência com isso, em tudo o que Basílio afirma, ele vai primeiro ouvir a Sagrada Escritura, ou vai ler a Sagrada Escritura. Vai primeiro ouvir a Sagrada Escritura para depois compor as suas ideias. A Sagrada Escritura é fonte de todas as normas e regras. Norma para a prática das virtudes, para todo o comportamento, para o que se deve e o que não se deve fazer, para as relações comunitárias e até para as coisas práticas na vida comunitária concreta. Assim, por exemplo, a essência da autoridade, fundamentada no Evangelho, é o serviço: eu vim para servir e não para ser servido (Mc 10, 45).

De acordo com isso, podemos medir o espaço da Sagrada Escritura nas obras ascéticas de São Basílio: mais de 80% de todo o seu conteúdo, são citações diretas da Sagrada Escritura, afora as paráfrases. Na “Ética” (“Regras Morais”), por exemplo, são mais de 1.500 citações. A toda a pergunta do “Pequeno Asketikon” a primeira resposta vem da Sagrada Escritura, com o mínimo de comentário, às vezes sem nenhum.

No fundo de tudo isso, há um princípio de Basílio no que tange à leitura da Sagrada Escritura. Para ele, na Escritura é o Espírito Santo que nos fala diretamente. Quando lemos a Sagrada Escritura com fé, estamos em contato direto com o Espírito Santo. Por isso, para Basílio, diferentemente de Orígenes, a Sagrada Escritura não necessita de interpretação – é necessário colocar-se à escuta do Espírito Santo e basta. Não são necessários recursos auxiliares para entender a Palavra de Deus, como não é necessário acender velas, quando brilha o sol.

A Sagrada Escritura é também a fonte primeira da oração cristã. Para Basílio, rezar é, em primeiro lugar, ouvir a Deus. E Deus, o Espírito Santo, nos fala diretamente na Sagrada Escritura. Por isso, Basílio confere o primeiro lugar à meditação sobre a Sagrada Escritura, o uso dos salmos na oração. O canto dos salmos é o núcleo primordial da liturgia basiliana.

2. A comunidade como comunhão carismática. São Basílio destaca a superioridade da vida cenobítica-comunitária sobre a vida solitária-eremítica – tanto que praticamente condena o eremitismo. Uma primeira razão dessa superioridade é que a natureza humana é essencialmente social. Essa seria uma justificativa filosófica, procedente de Aristóteles. É da natureza humana, conviver, formar grupos e sociedades.

Mas essa não é a razão principal para Basílio. É no Evangelho que ele vai buscar o fundamento para a vida comunitária. E esse fundamento é o mandamento do amor proclamado por Cristo, e esse mandamento é, para Basílio, o núcleo essencial do Evangelho de Cristo. Daí a pergunta: como praticar o mandamento do amor, da caridade, vivendo sozinho na solidão? O amor a Deus que se encarna no amor ao próximo só se torna possível, real e concreto, na convivência de irmãos. É a prática do mandamento do amor que transforma um mero grupo em comunidade, a comunhão do amor.

Basílio tem na Bíblia duas referências que constituem para o modelo para as suas comunidades e, no fundo, para toda a Igreja: a comunidade dos primeiros cristãos de Jerusalém, segundo o descrito nos Atos dos Apóstolos (At 2, 42-47) e a imagem do Corpo de Cristo, movido pelo Espírito Santo, como comunhão de carismas, conforme vem na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, capítulo 12. Basílio

tem verdadeira devoção a esses dois passos da Sagrada Escritura. Várias vezes ele cita essas duas passagens. Para ele, a forma de vida da primeira comunidade cristã, conforme descrita nos atos dos Apóstolos, é uma utopia que pode ser realizada. A primitiva comunidade cristã e a imagem do Corpo de Cristo carismático são o arquétipo e o modelo fundamental para as suas fraternidades, suas comunidades de irmãos, como também um modelo básico para toda a Igreja. Entendendo a Igreja, não tanto como comunidade cristã mundial, mas como comunidades locais em torno de seu bispo. Basílio vê que o modelo da comunidade primitiva seria a solução para a organização das suas comunidades. A comunhão de bens (o fato de que “todos tinham todas as coisas em comum...”) seria tanto a solução dos conflitos que inevitavelmente surgem num grupo humano, como principalmente seria, essa comunhão de bens, um fator para criar a unidade espiritual na comunidade, como aquela comunidade primitiva, na qual havia “uma só alma e um só coração”.

Mas não é só a comunhão dos bens materiais que constrói uma comunidade. Basílio vai além. A comunhão dos bens é só um pré-requisito para algo mais profundo, mais essencial: a unidade espiritual – para realmente haver “uma só alma e um só coração”.

Basílio tem, então, uma segunda referência: a imagem paulina da comunidade como Corpo de Cristo, a comunidade como comunhão

de carismas, sob a guia do Espírito Santo (1 Cor 12). Essa ideia tem toda a ênfase e destaque em São Basílio. Diz ele: “Todos somos mutuamente membros uns dos outros, tendo diferentes carismas de acordo com a graça recebida. Por isso, não pode o olho dizer para a mão: não preciso de ti. Nem a cabeça dizer para os pés: não me sois necessários. Mas, num só Espírito, todos juntos, auxiliando-nos mutuamente com os nossos carismas, completamos (ou plenificamos) o Corpo de Cristo” (Carta 90).

Então, todas as ideias paulinas estão aqui reforçadas: a comunidade forma um só Corpo, cuja cabeça é Cristo, e todos são membros uns para os outros, sempre em função da unidade; todos os membros têm algum carisma; todo o carisma tem valor; todo o carisma é para o serviço aos irmãos: “O carisma de cada um torna-se propriedade de todos” – diz ele nas “regras extensas” do “Grande Asketikon”. Nenhum carisma é para o benefício próprio, nem para o próprio enaltecimento, mas para a construção da comunidade do Corpo de Cristo.

Nesse contexto dos carismas, Basílio condena a indolência, a preguiça: todos têm de colocar o seu dom, o seu carisma a serviço da comunidade. Para quem enterra o seu talento, é indolente – espera o castigo do Evangelho: “Oh, servo mau e preguiçoso ...” (Mt 25, 26).

Basílio não entende “carisma” como um dom extraordinário, uma manifestação fora do comum, mas como um dom pessoal, um serviço,

uma tarefa feita na comunidade e para a comunidade. A autenticidade do carisma não consiste em fazer coisas extraordinárias, mas que sejam feitas com amor.

Outra coisa ainda: a ênfase de Basílio é na unidade da comunidade, do Corpo de Cristo, guiado pelo Espírito Santo. Os carismas não são também para exibicionismos pessoais – mas para a unidade, para a comunhão. Dito que ele repete: “tudo seja feito com ordem e decoro”. O sentido da ordem na comunidade é muito importante em Basílio. Os carismas não são para shows pessoais, nem devem ser motivos de confusão, mas para a união-comunhão.

3. Inserção na Igreja. Outro ponto importante em São Basílio é a inserção da comunidade monástica na Igreja. Os ascetas ou monges de Basílio têm de participar da vida da Igreja. Quando Basílio fundou as suas comunidades, pensou na Igreja como um núcleo eclesial. Basílio tinha em vista restaurar o vigor original da Igreja. Ele acreditava na utopia da primitiva comunidade de cristãos. Vivendo em profundidade o mandamento da caridade e realizando a comunhão dos carismas, essas comunidades iriam contribuir para o crescimento e para a unidade do Corpo de Cristo total, que é a Igreja.

Ele mesmo deu o exemplo: pretendia inicialmente viver a vida ascética na tranquilidade e no isolamento de Annesi, mas sentiu o chamado da Igreja. Vendo que a Igreja precisava dele, principalmente

porque a integridade da fé estava ameaçada – ele não hesitou em oferecer a sua contribuição: foi ordenado presbítero e logo depois assumiu o bispado numa região muito conturbada pelas lutas religiosas. E ele tomou sobre si a difícil tarefa de defender a unidade da Igreja com todo o ardor, até ao esgotamento de sua saúde. São Basílio, no intuito de reforçar o serviço à Igreja, tirou de Annesi também dois de seus irmãos e fê-los bispos: Gregório, da cidade de Nissa, e Pedro em Sebaste. Quis também elevar ao episcopado seu amigo Gregório de Nazianzo (em Sásima), mas este, por razões de temperamento, acabou recusando.

O fato da inserção das comunidades basilianas na vida da Igreja fez a marcante diferença em relação a outros movimentos monásticos orientais, que em grande parte colocavam-se à margem da Igreja, e quando resolviam intrometer-se nos assuntos da Igreja era só para criar confusão. Exemplo disso foi a reação violenta dos monges bizantinos contra a união com Roma, proclamada no Concílio de Florença. Os monges atacaram os bispos participantes do Concílio e impediram de fato a união da Igreja Bizantina com Roma.

Basílio orientava as suas comunidades para que se estabelecessem num lugar tranquilo, próprio para a ascese, fora do tumulto urbano, no entanto perto das cidades, e que fossem abertas para o povo, para a acolhida e a hospitalidade para com os forasteiros, ajuda aos pobres e

enfermos. A Basílide, um grande complexo de estabelecimentos de caráter caritativo, era conduzida pelos ascetas de Basílio, mas em nome da Igreja de Cesareia.

O Papa Bento XVI afirma: “São Basílio criou uma vida monástica muito particular: não fechada à comunidade da Igreja local, mas aberta a ela. Seus monges formavam parte da Igreja particular, eram seu núcleo animador que, precedendo aos demais fiéis no seguimento de Cristo e não só da fé, mostrava sua firme adesão a Cristo – o amor a ele – sobretudo com obras de caridade. Esses monges que tinham escolas e hospitais, estavam ao serviço dos pobres, assim mostraram a integridade da vida cristã”.

A obra social de São Basílio

São Basílio é o primeiro dos hierarcas cristãos que manifesta uma preocupação social e, em decorrência dessa preocupação, desenvolve uma ação social.

Uma ação de caráter social começa ainda com Basílio presbítero em Cesareia. Corria o ano de 369 e toda a região da Capadócia e Ponto foi atingida pelo flagelo da fome, em consequência de um prolongado período de seca, acarretando carestia, colheitas fracas, explosão de

preços, alimentos controlados pelo mercado negro. Basílio ficou profundamente sensibilizado pela situação do povo. Segundo o testemunho de Gregório de Nazianzo, “ele reunia em torno de si aqueles que foram atingidos pela calamidade e coletava todo o tipo de alimento, os alimentava e os mantinha vivos”.

A solicitude pelos pobres e necessitados decorria em São Basílio não de um puro humanismo ou de alguma filosofia, mas da própria essência da caridade evangélica que, para ele, deveria materializar-se na ação caritativa. A prática da caridade é não só uma responsabilidade de cada cristão individualmente, mas também da Igreja como tal e de seus líderes, os bispos. Em diversos lugares de seus escritos, Basílio menciona a ação social como um dos aspectos da missão de “pastor”. A atividade pastoral do bispo inclui não só aspectos espirituais, guiar o povo para o reino de Deus, mas também o ônus de proteger seu rebanho e preocupar-se com as suas necessidades vitais.

Como fundamento para uma ação social, Basílio adota um forte e corajoso discurso social. Marcantes neste aspecto são as homilias “Deus não é autor dos males”, “Homilia no tempo de fome e seca”, “Sobre o Evangelho: Destruirei os meus celeiros”, “Sobre os ricos” e outras. Um exemplo de suas expressões: “O avarento é um ladrão. Ele apodera-se daquilo que recebeu para distribuir. Se chamamos de ladrão aquele que se apodera de uma veste pertencente a outrem, como

chamaremos aquele que poderia vestir seu irmão e não o faz? O pão que guardaste pertence ao faminto; a roupa que trancas no baú pertence ao homem que não a tem; o calçado que está te sobrando pertence ao que anda descalço; o dinheiro que estás enterrando pertence aos pobres. És injusto na medida daquilo que poderias dar aos outros”.

Toda a solicitude sócio-caritativa materializou-se na “Basíliade”, uma grande obra desse caráter, um complexo de construções para fins caritativos que, segundo consta, situava-se nos arredores de Cesareia e que Sozómeno, um autor do século V, chama de “cidade dos pobres”. Segundo o testemunho de São Gregório de Nazianzo (no elogio fúnebre de São Basílio) esse complexo “incluía enfermarias, hospedarias para forasteiros e todo um aparato para destituídos, que deveria ser provido pelo estado, mas que não fazia; tudo foi construído pelo dinheiro arrecadado dos ricos por meio da eloquência e do exemplo de Basílio; tudo era atendido pelos seus ascetas, e ele próprio reservava para si o trabalho mais repulsivo: tratar dos leprosos”. Gregório lembra ainda que, no atendimento aos doentes, Basílio aplicava seus conhecimentos de medicina, que adquiriu em Atenas.

É bem provável que na Basíliade havia também uma escola funcionando em regime de internato. No Grande Asketikon (Regra nº 15) Basílio de fato aprova a admissão de “meninos e meninas” na sua

fraternidade. Na regra breve nº 292 ocorre explicitamente a palavra “escola” que Basílio admite que exista na comunidade de irmãos. Além disso, no centro do conjunto dos edifícios da Basílide, está uma bela igreja, como se fosse a alma de toda aquela obra. Ao lado da igreja, o mosteiro dos irmãos que se dispunham a pôr em prática o mandamento da caridade.



São Basílio é celebrado como o “luzeiro da Capadócia”. Na verdade, ele é muito mais que isso: é luzeiro da Igreja toda, Padre, Doutor e Mestre do rebanho de Cristo, que brilha como astro maior na constelação dos santos, iluminando a Igreja do Oriente e a Igreja do Ocidente.

Basílio brilha e ilumina pela sua vida e sua atuação em defesa e explicitação da fé, para a unidade da Igreja. Ele brilha e ilumina pela riqueza de sua doutrina, pela fundamentação da autêntica vida consagrada, pela ação caritativa em favor dos pobres e desamparados: um patrimônio de imponderável valor garantido para a Igreja e para a humanidade.

Sua festa é celebrada no dia 1º de janeiro; no rito latino, no dia 2 de janeiro.

“Basílio santo, nasceu entre os santos. Basílio pobre, viveu pobre entre os pobres. Basílio filho de mártires, sofreu como mártir. Basílio pregou sempre, com os seus lábios e com os seus exemplos, e seguirá pregando sempre com os seus admiráveis escritos” (São Gregório de Nazianzo, *Elogio fúnebre a São Basílio*).

